



# Curso de Magnetismo Animal em Doze Lições

Série  
Magnetismo a Força da Vida



© 2022 — Conhecimento Editorial Ltda

# Curso de Magnetismo Animal em Doze Lições

François Millet

Todos os direitos desta edição reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 34515440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Tradução: Maria Regina Cotrim Guimarães

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Mariana Cotrim

ISBN 978-65-5727-131-5

1ª edição – 2022

- Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*  
Produzido no departamento gráfico da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
*grafica@edconhecimento.com.br*



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Millet, François

Curso de Magnetismo Animal em Doze Lições / François Millet ; tradução de Maria Regina Cotrim Guimarães. — 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2022.

138 p. (Coleção Magnetismo a Força da Vida)

ISBN 978-65-5727-131-5

Título original: *Cours de Magnetisme Animal en Douze Leçons*

1. Magnetismo animal 2. Psicologia I. Título II. Guimarães, Maria Regina Cotrim

22-1541

CDD — 615.8454

Índice para catálogo sistemático:

1. Magnetismo animal

François Millet

# Curso de Magnetismo Animal em Doze Lições

Tradução  
Maria Regina Cotrim Guimarães

1ª edição  
2022



Livros da série  
**Magnetismo a Força da Vida**

- Memórias e Aforismos  
Franz Anton Mesmer
- A Arte de Magnetizar  
Charles Lafontaine
- Tratado Completo de Magnetismo Animal  
- Em doze lições  
Barão du Potet Sennevoy
- O Magnetismo em Oposição à Medicina  
Barão du Potet Sennevoy
- A Causa do Sono Lúcido  
Abade Faria
- Cartas Ódico-magnéticas  
Barão de Reichenbach
- Os Eflúvios Ódicos  
Barão de Reichenbach
- Tratado de Sonambulismo  
Alexandre-Jacques-François Bertrand
- Ensaio de Psicologia Fisiológica  
Casimir Chardel
- Esboço da Natureza Humana  
Casimir Chardel
- Curso de Magnetismo Animal em Doze Lições  
François Millet

## Sumário

Prefácio .....	11
Instruções .....	13
Primeira lição	
O magnetismo .....	23
Segunda lição	
As condições que devemos observar para magnetizar .....	30
Terceira lição	
Dos efeitos do magnetismo.....	39
Do magnetismo nos animais .....	46
Tratamento magnético de uma vaca .....	46
Magnetização de um cavalo .....	47
Efeitos do magnetismo sobre os vegetais.....	47
Aplicação do magnetismo aos vegetais .....	48
Quarta lição	
Dos efeitos terapêuticos do magnetismo .....	51
Quinta lição	
Do sonambulismo.....	59
Do sonambulismo médico.....	67
Sexta lição	
Do êxtase .....	78
Sétima lição	
(Alguns outros fenômenos do sonambulismo)	
Das vantagens da visão a distância para os sonâmbulos .....	83
Oitava lição	
Cirurgia feita num indivíduo que perdeu a sensibilidade através do magnetismo .....	95
Reconciliação durante o sono e persistente no despertar ....	98
Da formação dos sonâmbulos.....	100

Nona lição	
Perigo de abandonar um indivíduo magnetizado nas mãos de um desconhecido .....	105
Alguns incidentes da cura da senhorita Estelle P.....	107
Décima lição	
Algumas observações sobre o mesmerismo .....	111
Décima primeira lição	
Algumas observações sobre o sonambulismo.....	119
Alguns casos singulares .....	126
Décima segunda lição	
Conclusão.....	130

Gostamos de ver nossas ideias compartilhadas por pessoas nas quais a opinião pública reconhece o caráter e o talento. Gostamos, sobretudo, de receber seus protestos de estima e consideração: este é o consolo para certos destinos difíceis. Este duplo sentimento me levou a colocar este livreto sob os auspícios de um nome cuja apresentação é desnecessária, o do doutor Charpignon; um dia, ele me deu a honra de me dirigir algumas das linhas que se seguem, numa carta coletiva:

O Sr. Charpignon agradece particularmente ao Sr. Millet por seus bons artigos, que são a mais perfeita expressão de um homem que viu muito, fez muito e julgou bem.

Este livro é a reprodução literal dos artigos citados pelo Sr. Charpignon.

Desculpem minha falta de modéstia, mas ela não é um dos meus pecados habituais.

Millet

DEPT. DE  
Seine et Mar.  
N<sup>o</sup> 383  
1857

COURS  
DE  
**MAGNÉTISME ANIMAL**  
EN DOUZE LEÇONS

PAR

F. MILLET



FONDATEUR-ARCHIVISTE DE LA SOCIÉTÉ PHILANTHROPICO-MAGNÉTIQUE DE PARIS



Cherchons le vrai,  
Faisons le bien.  
(Devisé de la Soc. Phil. Magn.)

PARIS

**CHEZ L'AUTEUR**

276, RUE SAINT-HONORÉ

Au Bureau du Journal l'Union Magnétique, et de la Société.

—  
1858  
1357



O homem reúne em si todos os poderes da natureza. Ele se comunica, por seus sentidos, com os objetos mais distantes; o indivíduo é um centro em que tudo se relaciona, um ponto onde o universo se reflete, um mundo de atalhos.

BUFFON

O magnetismo, ou a ação de magnetizar, se compõe de três coisas: 1° a vontade de agir; 2° um sinal que seja a expressão desta vontade; 3° a confiança no meio que utilizamos.

DELEUZE

Os procedimentos não são nada se não estiverem ligados a uma determinada intenção; podemos até dizer que eles não são, absolutamente, a causa da ação magnética, mas é incontestável que eles são necessários para concentrá-la e dirigi-la e que eles devem variar segundo o objetivo a que nos propomos.

DELEUZE

O remédio universal nada mais é do que o espírito vital reforçado numa matéria adequada.

MAXWEL

Podemos, com o auxílio deste princípio, curar imediatamente as doenças nervosas e, indiretamente, todas as outras.

MESMER

E, de fato, a alma tem uma vida dupla: uma unida ao corpo e outra separada de toda corporalidade.

JAMBLIQUE

Os homens acordados só têm um mundo, que é comum a todos; mas, dormindo, cada um tem o seu próprio mundo, individual.

PLUTARCO

Durante o sono, a alma preenche todas as funções, tanto as que lhe são próprias, como as do corpo. Assim, se uma pessoa pudesse inserir, em sua consciência, este estado da alma no sono, essa pessoa poderia se lisonjear de ter dado um grande passo na ciência da sabedoria.

HIPÓCRATES

O sonâmbulo tem os olhos fechados: ele não vê pelos olhos, não ouve pelos ouvidos, mas ele vê e ouve melhor do que o homem acordado. Ele está sob a vontade de seu magnetizador em tudo o que não contrarie suas próprias ideias de justiça e de verdade.

HUSSON

O espírito, no êxtase, se lança, vai em frente, na direção das causas e dos efeitos, com a máxima velocidade, e os confia à imaginação, para daí retirar o futuro resultado.

ARISTÓTELES

Supondo que uma feiticeira realize maldições, isto não ocorre, absolutamente, devido ao diabo, que não saberia comunicar um poder que não possui. Isto ocorre por uma faculdade própria do homem, inerente à natureza humana, da qual podemos fazer bom ou mau uso, como todas as outras faculdades.

VAN\_HELMONT

## Prefácio

Um doloroso sofrimento foi destinado à minha mulher, que me ajudou – com seu afeto e conselhos – desde o momento em que eu, um simples operário que iniciava uma carreira tomada pelo trabalho, até alcançar o sucesso que pareceu coroar minha laboriosa juventude. Uma grave doença a matou sem que ela tivesse aproveitado o fruto de suas dores. Abandonada pelos médicos, eu não sabia a quem recorrer para que ela permanecesse ao meu lado. Disseram-me que o magnetismo detinha o segredo das curas desesperadas. Eu chamei para ver a doente um jovem magnetizador, sr. P\*\*\*, atualmente, um renomado médico. Após cinco sessões, ele se retirou sem querer (segundo ele) receber pelos custos de um tratamento inútil. Mas eu já tinha visto o que ele havia feito.

Nesse ínterim, soube que um magnetizador ilustre, o sr. Ricard, dava aulas públicas. Eu o segui e, em seguida, eu mesmo comecei a magnetizar minha esposa, com energia e perseverança.

Segundo o dr. M\*\*\*, um dos baluartes da ciência, a circulação do sangue dela estava alterada e, referindo-se ao cérebro, este causava eventos que um dia iriam levá-la. Entretanto, eu consegui que a circulação voltasse ao normal; mesmo com o corpo todo paralisado, a doente parecia querer andar. Imaginem minha felicidade! Mas, ou por impotência da minha parte ou porque Deus não tivesse querido me permitir esta cura, eu não pude salvá-la: a doença estava muito avançada.

Entretanto, eu tinha visto o suficiente para ser convencido dos efeitos do magnetismo. Para me consolar, tirei o melhor da perda que eu acabara de ter e passei um ano magnetizando doentes. Até encontrei alguns sonâmbulos.

Enquanto isso, eu assistia às sessões do sr. Ricard,

que se tornou meu locatário e, assim, vi diversos efeitos do magnetismo, bem explicados pelo professor.

Desejoso de multiplicar os benefícios desse procedimento, ao divulgar tal conhecimento, procurei algumas pessoas que estivessem, como eu, dispostas a fundar uma Sociedade para o tratamento gratuito dos doentes e a propagação de uma ideia salutar. Tive a felicidade de reencontrar o dr. P\*\*\* que, dezoito anos antes, me havia ensinado o meio de buscar algum alívio para minha esposa. Foi assim que começou, em 1840, a Sociedade Filantrópico-Magnética, que, espero, há de permanecer por muito tempo. Ela levou como lema: *Fazer o bem, buscar a verdade*, e não me parece que tenha falhado nesse lema até o momento. Só bem mais tarde eu pude sonhar em colher os resultados da minha prática pessoal e das minhas numerosas observações além desse livreto que eu entrego ao público, mais como uma série de conselhos úteis do que como um ensinamento formal.

A propósito, eu não posso me lembrar sem certo prazer que um corajoso veterano de guerra, ao ler meu manuscrito que ele revisara, tornou-se magnetizador sem nunca antes ter pensado no magnetismo. Ele citava sempre a seguinte cura:

“Uma mulher havia contraído o terrível hábito de embebedar-se; demitida de todos os locais em que se apresentava para trabalhar, perseguida na rua pelas crianças, ela não sabia mais o que fazer para viver.”

Meu aprendiz resolveu utilizar o magnetismo no tratamento deste mal vergonhoso que produz a miséria. Ele magnetizou esta mulher, fez com que ela bebesse água magnetizada e, ao final de quinze dias, a infeliz contraiu uma repulsa pelo vinho, proporcional à sua paixão anterior. Que alegria para o médico! Imaginem.

Quem me dera que eu pudesse convencer a todos, pelas melhores razões, que num grande número de casos, não há meio melhor do que o magnetismo para curar males mentais e físicos.

Foi apenas por essa razão que eu comecei a escrever e, até mesmo, a fazer um prefácio, como todos fazem.

MILLET

## Instruções

Em geral, quando nasce um livro pelo qual esperamos, desejamos, no mínimo, como o pai a seu filho, um destino honrado. Procuramos algum amigo próximo que reúna, em algum grau, as duas condições – complacência e ilustração – para oferecer ao recém-nascido os ouvidos e o coração de algum grande santo do paraíso literário e para transformar, ao longo de algumas páginas de prefácio assinadas por um *nome*, a conhecida ópera<sup>[1]</sup>: “...Mas, vendo tantos encantos, eu lamento / Nada poder ser além de padrinho. (bis)”

Excepcionalmente, aqui é o aluno que, sob o pretexto de uma introdução, reproduz algumas palavras do mestre. O mestre... não há um coração no mundo magnético a quem ele não seja caro; já o aluno, lamentavelmente...

Assim faziam, pelo que diz a história, Platão e Xenofonte com o sábio Sócrates. E Deus sabe como nós estamos humildemente lisonjeados, o sr. Millet e eu, em nos unirmos a personagens tão famosos, ainda que pouco valorizados em seu tempo, como é natural ocorrer em, ao menos, um em cada três.

Deixemos de lado as lembranças vaidosas e limitemo-nos a dizer rapidamente – para que o leitor não se canse de nós – que o aluno não quis compor um prefácio, como o mestre não quis compor um livro. Um contou simplesmente o que fez e viu fazer; o outro juntou algumas ideias esquecidas durante o relato que, conseqüentemente, não lhe pertencem mais.

Isso, porque o problema magnético tomou uma extensão imensa há algum tempo e, sem que tenhamos chegado a desenvolver em torno deste ponto luminoso as primeiras bases de uma ciência regular, ele cresceu a olho nu e em

[1] N.T. Trecho da ópera-comédia *La dame blanche* (A dama branca), de François-Adrien Boieldieu (1775-1834)

proporções de uma verdadeira revolução intelectual.

Entretanto, algumas exceções são obstinadas em negar sistematicamente o fato: fenômeno peculiar, mas não sem análogos, e procedimento renovado da escola que fez de Napoleão o general-em-chefe do exército do Rei Luís XVIII. Tal argumento nada prova contra a evidência, e também não a impede de existir. Nós não tentaremos combatê-lo, pois o tempo lhe fará justiça.

Além desse, há outro ceticismo, que tem por explicação a ignorância: devem enviá-lo à escola. Santo Inácio foi à escola aos quarenta anos.

Vejamos inicialmente aquele que, raciocinando de forma absurda, combate o magnetismo como se fosse um princípio contraditório a outros princípios adquiridos pela ciência, ou como se fosse uma série de fenômenos inexplicáveis pelas leis conhecidas da natureza. Pelo menos, sejamos razoáveis!

Para começar, há inúmeros fenômenos classificados entre os que se devem ao magnetismo e que podem ser associados, senão a causas vulgares, ao menos, a categorias já instituídas. A ação recíproca dos homens, a simpatia, alguns efeitos da imaginação e mesmo a segunda visão são observadas há muito tempo. Com frequência, levantam-se dúvidas sobre a realidade das manifestações desse tipo e algumas vezes, com razão. Mas o senso comum, em geral, aceitava as manifestações. A história e a vida estão cheias dessas singularidades que o magnetismo reproduziu inúmeras vezes e tudo o que ele faz é usar do direito de pegar seus bens onde eles se encontram, recolhendo-os para uni-los à coleção de seus efeitos especiais. O magnetismo não data de Mesmer, ele data da natureza; o que Mesmer fez foi dar-lhe um nome.

Mas, quando o sr. Regazzoni, na presença de um indivíduo desconhecido, faz crescer, a distância, as glândulas mamárias de uma mulher, a ciência declara não apenas ignorar a causa dessa impossível realidade, mas ainda não reconhecer qualquer associação nesta observação.

Um entre mil outros, este fato existe ou não existe. Para alguém se manifestar entre as duas alternativas, basta abrir os olhos e ver. Se ele existe, deixa de ser um fato absurdo. Mas pode-se ainda encontrar argumentos a seu favor quase tão conclusivos quanto sua evidência material.

Desde o momento em que se exerce – e conhecemos seu sucesso nos últimos tempos – a faculdade de investi-

gação e de análise do homem, as leis da natureza têm sido sucessivamente desembaraçadas da confusão de um mundo complexo. Só há pouco tempo que as fórmulas científicas adquiriram um grau de certeza que lhes permite servir de fundamento às milagrosas aplicações de nossa época. A história sabe por quanto tempo elas foram desconhecidas e também conhece a aventura pela qual opiniões foram demolidas. Quantos fenômenos serão explicados pelo magnetismo! Uma nova causa com leis problemáticas, que acabamos de identificar entre as demais, como identificamos a eletricidade e o galvanismo, que foi uma grande descoberta; por que duvidar dela, quando a experiência do passado demonstra que o magnetismo é possível e que a observação do presente o certifica?

Eis um triste argumento, realmente bem indigno de uma “ciência consciente”: “Nós repudiamos o magnetismo porque ele destrói a metade dos nossos conhecimentos de fisiologia.” Infeliz da fisiologia, mas por que o magnetismo precisaria sofrer? Seria, então, necessário suprimir a América só porque ela deu ao mundo o dobro do tamanho da Terra de antes de Cristóvão Colombo? Optamos por mudar a geografia, o que foi bem razoável.

Mais lamentável ainda contra este argumento: “Eu não acreditaria nos fenômenos magnéticos se eu mesmo os produzisse.” O que isso quer dizer? Que basta ver com seus olhos para ter o direito de duvidar? São Tomé, o incrível, não era tão complicado.

Que tais razões sejam leves para os que se dão a esse direito, pois a posteridade as pesará.

Deixemos a matemática raciocinar *ab absurdo*<sup>[2]</sup>: seus axiomas são estabelecidos sobre convenções que resultam das condições de nosso raciocínio. Nosso raciocínio chega aos limites do silogismo. Mas em relação à natureza, quem sabe onde ela termina, além daquele que lhe imprimiu um início?

Chegamos então aos que, não ousando duvidar do magnetismo e não tendo qualquer interesse em fazê-lo, têm medo dele.

Inicialmente, tudo, como a língua de Esopo, é bom e mau, sequencialmente; basta, não vamos repeti-lo.

Mas se o magnetismo apresentasse mais inconvenientes do que benefícios, seria conveniente que impedíssemos suas manifestações; não seria então desejável que

[2] N.T. *Ab absurdo*, em latim, é um método de demonstração usado especialmente na geometria, em que o raciocínio realizado é oposto ao que se propõe, para se chegar a um resultado.

não as provocássemos?

Aonde vamos: Deus sabe, pois ele nos guia. Não depende de nós sufocar uma realidade, qualquer que seja ela, mesmo se ela nos parecesse perigosa. No momento em que a Providência a lançou no mundo, sem dúvida segundo seus desígnios, o melhor é nos inclinarmos diante destes desígnios.

Francisco I previu os perigos da imprensa e tentou interromper seus progressos. Ele poderia fazê-lo, sendo um rei todo-poderoso, já que a imprensa seja apenas uma invenção humana? Tampouco o infeliz Luís XVI pôde prevenir o dilúvio que seu predecessor havia anunciado *depois dele*.

Instrumentos da Providência, ela nos disse, como ao Judeu Errante: “Ande”, e devemos andar. Ela nos deu a consciência do bem e do mal para nos esclarecer sobre o emprego das forças que possuímos. Pessoas bem intencionadas, o magnetismo existe! Talvez ele seja uma arma mortal nas mãos dos maliciosos; vamos segurá-lo com nossas mãos.

Mas temamos os excessos de qualquer lado.

O Novo Mundo imaginava que o homem se relacionasse com supostos poderes intermediários entre Deus e ele. O Velho Mundo não demorou a tomar esta crença emprestada por seu irmão que, ao lhe conceder, se vingou de uma vez por todas dos males que nós levamos até eles com nossa civilização, através de Cortez e Pizarro. Toma lá, dá cá.

No começo era Davis<sup>[3]</sup>. Davis engendrou os Fox<sup>[4]</sup>. Cahagnet<sup>[5]</sup> procede os dois e o Sr. de Mirville<sup>[6]</sup> descende de Cahagnet em linha direta. Onde vai parar a genealogia?

E eis que Delaage<sup>[7]</sup>, que teria sido um escritor encantador (o que ele não escreve em prosa?), se pôs a fazer prognósticos, em livros inúteis e até inquietantes e, apoiando-se em fatos bastante contestáveis. Só a ideia de seus prognósticos já era suficiente para causar arrepios:

O retorno da magia e das influências malévolas do homem sobre outro homem que se exercia a distância, feitiçaria: toda uma teoria de evocações póstumas, acompanhadas de astúcias mais ou menos sérias e exorcismos,

[3] N.T. Andrew Jackson Davis (1826-1910), norte-americano estudioso do mesmerismo.

[4] N.T. John Fox, magnetizador que viveu nos Estados Unidos no século XIX

[5] N.T. Louis-Alphonse Cahagnet (1809-1885) – nascido de família francesa pobre, trabalhador, tornou-se conhecido como magnetizador.

[6] N.T. Jules Eudes de Catteville de Mirville (1802-1873), magnetizador e autor francês de diversas obras sobre espiritismo.

[7] N.T. Henri Delaage (1825-1882) era escritor e publicou diversos ensaios ligados ao magnetismo.



aos quais a Igreja depositava muita confiança na época em que acreditava nos feiticeiros.

Por uma dessas metamorfoses que lhe são familiares, o ultramontanismo<sup>[8]</sup> obteve esta nova arma: ele queria nos levar ao papa, fazendo-nos crer nos espíritos. Leiam o Sr. de Mirville, que não esconde seu objetivo.

Mas se nos recusarmos a crer, deveríamos ser queimados como antes? Cuidemos da lógica e destruamos os grimórios<sup>[9]</sup> que a Inquisição divulga.

Há necessidade de espíritos, quando temos Deus à mão para explicar tudo o que não se explica? Por que resuscitar o ritual de Loudun<sup>[10]</sup>, quando a filosofia do senso comum já nos basta?

Deus, que deu a cada um de nós um papel no drama que a humanidade desempenha, não poderia, ele próprio, soprar as palavras, quando nos falta a memória? Ele precisa de intermediários para isso? Isso é bom para entreter um movimento regular e harmônico no mundo imperceptível dos infinitamente pequenos.

Ele nos criou à sua imagem, dando-nos uma alma como a sua, repleta de inteligência, de caridade, e de vontade, com a liberdade para utilizarmos tudo isso. Munidos destas imensas forças, nós transformamos a matéria, constituída de povos com suas leis e sua civilização: Adão ficaria bastante surpreso se retornasse ao mundo, ao ver o que fizemos dele. E quando o sr. Home move um chapéu, quando um feiticeiro cura um entorse, nós gritamos: "Ao espírito!" A fé remove montanhas com a ajuda da vontade todo-poderosa. Então, nossa alma não teria provado, desde a criação, um dinamismo bem mais poderoso do que aquele empregado por um médium para mover uma mesa, ou, como Regazzoni, para dilatar uma tábua?

E a imaginação, vocês não pensam nela? Ela cria os espíritos e os buquês, as cestas que voam e os mortos que retornam; onde está o milagre? Ela fez muitas outras coisas, edificando *a Jerusalém libertada*, os romances de Anne Radcliffe e os remorsos personificados em Orestes e Macbeth.

Tomem cuidado, espiritualistas, pois o caminho que

[8] N.T. Doutrina católica do século XIX que surge em defesa da infalibilidade do papa, mas que gerou outros debates, inclusive sobre a relação da Igreja com o Estado.

[9] N.T. Os grimórios são escritos medievais sobre feitiços, rituais e encantamentos mágicos.

[10] Referência a possessão das Freiras de Loudun onde um suposto conjunto de possessões demoníacas que ocorreram em Loudun, França, em 1634. N.E.

vocês seguem conduz ao panteísmo, passando pela etapa de Charenton<sup>[11]</sup>. Suas super inteligências fora do normal, ao os afastarem de Deus, os aproximam, na Antiguidade, do *fatum volitans de Lucrecia*<sup>[12]</sup>. Eu preferiria isso à Idade Média, mas ainda estamos no passado: século XVIII. Vocês navegam entre Petit Albert e Helvécio: triste alternativa.<sup>[13]</sup>

Sempre nos pareceu e hoje nos parece mais ainda, desde que o espiritualismo organizou seu fantástico movimento, que nos enganamos sobre a natureza do problema proposto por Mesmer.

Dedicaram-se a provar, por um lado, que o magnetismo é um fluido e, por outro, que não é nada. O que importa? Quando tiverem provado que existe ou que não existe um ente desconhecido ao qual desejam chamar de fluido, isso significará um passo adiante na ação magnética? O que é um fluido? É algo através do qual uma força atua. – Sem dúvida. Mas como e por quê? Temos que nos deter aí. Além disso, a fim de experimentar este dado, chegou-se à lei que ouvimos ter sido formulada por um dos mais maduros magnetistas da escola crítica, sr. Mialle: “não há nenhuma generalização, no magnetismo, à qual não se possa imediatamente opor diversas experiências definitivas, próprias a destruí-la.”

Na nossa opinião, seria preferível que – em vez de perguntar se o magnetismo é um agente idêntico, análogo ou diferente de outros agentes da natureza, produzindo ou experimentando manifestações deste agente problemático – fosse pesquisado, dentre esses fenômenos, o fato primitivo, permanente, *sine qua non* que o produziu. Neste ponto se concentra todo o interesse filosófico do problema. A observação, como nas demais ciências, apoiada na noção da Providência, seria conduzida a resultados bem mais satisfatórios.

Dados o homem e a natureza ou, se quiserem, Deus ou a força criadora, nada mais deve surpreender, no magnetismo, independentemente de quanto quiserem expandir o alcance desta expressão.

O homem atua sobre o homem ou sobre o resto do

[11] N.T. Comuna francesa onde houve, no século XVII, discursos e sermões relacionados à existência de Deus.

[12] N.T. Lucrecia, filha de um administrador de Roma do século VI AC teria sido violentada e, por esta razão, cometeu suicídio. Esta teria sido a razão pela qual Brutus aboliu o Império e criou a república romana.

[13] N.T. Petit Albert (pequeno Albert) era considerado um grimório sobre magia, do século XVIII, inspirado em obra medieval. Claude-Adrien Helvetius (1715-1771) foi um filósofo francês, importante enciclopedista durante a revolução Francesa, considerado materialista radical.

mundo e a Providência dirige essa ação; pelo que parece, aí está, em duas palavras, toda uma teoria. Certamente, ela não é nova, mas, na verdade, após seis mil anos, quem pode ter a pretensão de inovar na ordem filosófica?

Basta dizer que, ao nosso ver, vamos nos pôr a pesquisar a palavra do magnetismo, considerada como ciência, e a colocar alguma solução acima do debate.

Anteriormente tínhamos o hermetismo e a magia, ideias para as quais o senso comum fez justiça, criadas pelo exclusivismo sombrio das teocracias, renovadas na Idade Média por uma ciência sem método e sem base. Concepções semelhantes não se sustentariam diante da crítica mais elementar, apoiada nas mais simples percepções da religião natural.

O homem é indispensável à produção do problema magnético: próximo ou a distância, com ou sem o intermédio do corpo, através de uma energia relativa ao seu organismo, é sempre por ele, homem, que se operam as manifestações observadas. Desses fatos universais, conclui-se que, evidentemente, a ação magnética – qualquer que seja sua forma – é o produto do que existe do que é especificamente humano e próprio a ele; em resumo, da alma. O magnetismo é a força anímica atuando com dinamismo subordinado às influências da força superior, de Deus; ele é uma série de agentes cujas leis são conhecidas, como a eletricidade, o calor etc. Assim, existe um outro agente cujo *modus operandi* é determinado pela vontade providencial: o magnetismo.

Nos fenômenos do sonambulismo magnético, tipo de manifestações singulares, caprichosas, contraditórias, que nos mostra os mais grotescos erros ao lado de intuições fantásticas, Deus se faz ver ainda mais claramente, revelando-nos aos poucos as verdades úteis e deixando-nos a cargo de toda a impotência de nossa própria imaginação.

Ainda não foi suficiente explicar porque é impossível que o magnetismo se encontre sujeito à espécie de regulamentação que governa as outras ciências?

O homem recebeu de Deus, que o criou, uma parte de seu poder, mas uma parte bem restrita. A uns, ele deu um poder maior, segundo o papel que ele designou a cada um neste drama que ocorre aqui, diante de seus desígnios, através de nós, ainda que, muitas vezes, às custas de nossa vida material. Tenham noção, agora, da medida do grau e dos meios de ação que ele nos deu, assim como das luzes

que ele nos deixou: seria descobrir o segredo de suas visões eternas; é absurdo esperar por isso.

Devemos dizer que é necessário – pois não podemos definir leis imutáveis a esta força eterna, mas recentemente nomeada – recusar sua ajuda, a fim de realizarmos nossa obra? Certamente, não. Já foi dito que a verdade deve ser desdenhada, pois é difícil de ser encontrada, ou que a virtude é inútil, pois é difícil decifrar seu caminho entre o bem e o mal.

Deste ponto de vista, o problema nos parece simples.

O estudo do magnetismo seria apenas uma nova forma do estudo filosófico geral. A alma, objeto da observação de todos os pensadores, aparece, não mais como uma abstração inerte, mas como uma força análoga a todas as outras forças da natureza. A alma sempre foi percebida, mas nunca controlada, porque sua ação e seu desenvolvimento são frequentemente modificados pelo desenvolvimento e pela ação da força divina. Há razões para se garantir, nela, das indecisões.

Mesmo que só tivéssemos alcançado o objetivo de sair, sem esforço, deste mundo oculto em que desejam nos submergir, ainda estaríamos satisfeitos com uma solução que, ao menos, leva em conta dois elementos eternos: Deus e o bom senso dos povos.

E. Guillot